

**“SER MULHER”: RELAÇÕES DE GÊNERO E RESISTÊNCIAS
CANTADAS NAS CANÇÕES-DESABAFO DE VANUSA**

**“Being a woman”: gender relations and resistance sung in
Vanusa’s songs-outburst**

**“Ser mujer”: relaciones de género y resistencia cantadas en
las canciones-estallido de Vanusa**

Kenia Erica Gusmão Medeiros¹

Cristiano Nicolini²

Resumo:

Este texto tem como objetivo demonstrar a importância de canções integrantes do repertório da cantora e compositora Vanusa; as músicas abordaram temas como violência contra as mulheres, tensões nas relações conjugais e dificuldades na maternidade durante as décadas de 1970 e 1980. Apesar da importância contida nessas palavras cantadas, em seus últimos anos, Vanusa não recebeu grande reconhecimento por sua contribuição social, advinda de sua trajetória artística. Desse modo, procuramos destacar a produção de um debate de gênero detalhadamente construído por meio de escritas, canto e performances, reconhecendo, ainda, que as reflexões presentes na obra da cantora denunciaram o sofrimento e o silêncio de tantas mulheres, bem como incentivaram a ruptura de ciclos de violência.

Palavras-chave: Vanusa. Mulheres. Violência. Resistência.

Abstract:

This text aims to demonstrate the importance of songs from singer-songwriter Vanusa's repertoire; which addressed themes such as violence against women, tensions in marital relationships and difficulties in motherhood. Despite the social importance contained in these sung words, in her last years, Vanusa did not receive as much recognition as she could have, due to her artistic trajectory, but she became the target of repeated prominent joking comments, regarding forgetfulness she made during presentations. In this way, we seek to highlight the meanings constructed in detail through writing, singing and

performances, for the suffering and silence of so many women, as well as for encouraging the breaking of cycles of violence.

Keywords: Vanusa. Women. Violence. Resistance.

Resumen:

Este texto tiene como objetivo demostrar la importancia de las canciones incluidas en el repertorio de la cantante y compositora Vanusa; las canciones abordaron temas como la violencia contra la mujer, las tensiones en las relaciones matrimoniales y las dificultades en la maternidad durante los años 70 y 80 contenidos en estas palabras cantadas. , en sus últimos años, Vanusa no recibió mucho reconocimiento por su aporte social, derivado de su trayectoria artística. De esta manera, buscamos resaltar la producción de un debate de género detalladamente construido a través de la escritura, el canto y la performance, reconociendo también que las reflexiones presentes en la obra de la cantante denunciaron el sufrimiento y el silencio de tantas mujeres, además de alentar la ruptura ciclos de violencia.

Palabras clave: Vanusa. Mujer. Violencia. Resistencia.

Introdução

A canção popular, além de produto cultural, é expressão artística que dialoga com o tempo histórico em que é escrita, produzida, lançada e consumida; portanto, ao ser tomada como fonte histórica, torna-se recurso para a compreensão da cultura histórica de uma época. Considerando tal perspectiva, este artigo tem como objetivo discutir questões relacionadas a expectativas e violências em função da condição de gênero, narradas em algumas das canções do repertório da cantora e compositora Vanusa, bem como demonstrar como essas músicas encorajam rompimentos de ciclos de violência, numa época em que ainda não eram tão comuns as letras musicais com discursividades sobre temas como violência doméstica e empoderamento feminino. Considerando que a arte tem a capacidade de evidenciar debates importantes para a sociedade, é possível afirmar que as canções populares ocuparam-se da tarefa de promover reflexões, ao mesmo tempo que embalavam com suas melodias, emoções e vivências de pessoas comuns. Nesse sentido, a obra da cantora e compositora Vanusa, carrega a especificidade de estar repleta de representações sociais acerca da opressão vivida por mulheres, especialmente no âmbito doméstico e das relações afetivas; entendemos que em seu repertório estão presentes o que denominamos “canções-desabafo”, músicas que representaram choros e angústias silenciados no transcorrer da vida cotidiana de mulheres comuns.

Neste texto, utilizamos como fontes músicas importantes do repertório da artista, adotando como critério, a escolha de canções que apresentassem narrativas sobre emoções e valores culturais ligados ao modo como se estabeleciam as relações de gênero, sobretudo dentro

das dinâmicas conjugais, no contexto histórico em que foram lançadas, o período entre 1973 e 1981. Acreditamos que tais palavras cantadas por Vanusa podem contribuir para uma investigação do lugar social das mulheres na sociedade brasileira das décadas de 70 e 80. cremos, ainda, que sua obra pode contribuir para a percepção de transformações e continuidades de práticas culturais referentes às relações de gênero, já que as letras por ela compostas ou escolhidas para integrarem seu repertório versam sobre diversas representações e emoções femininas. Desse modo, as relações de casal são utilizadas como tema para demonstrar assimetrias e conflitos, bem como destacar possibilidades de resistências femininas. Ainda que a escolha do tema da relação conjugal consista ainda em uma visão da mulher envolvida e dedicada ao que Zanello denomina como “dispositivo amoroso”³, não deixam de ser significativas as resistências construídas nessa dimensão. As canções sobre os relacionamentos conjugais têm especial alcance e sucesso, dentre outros motivos, pois:

Todavia, é no interior do casal que no século XX a emoção musical cumpre seu melhor papel de mediador sensível do vínculo social, devido ao privilégio do amor na intersubjetividade. A música, a canção, sobretudo, é amiga do erotismo. Para cada canto de trabalho, de luto, ou de ira, quantos foram os de amor, na grande discoteca virtual da humanidade? (BUCH, 2020, s.n.).

Apesar do sucesso vivido nas décadas de 70 e 80, em seus últimos anos de vida Vanusa não teve grande reconhecimento por sua obra, pouco lembrada no que se refere ao pioneirismo e a importância de canções que, em plena repressão militar, abordaram temas como a violência doméstica, as cobranças desiguais impostas às mulheres e as dificuldades da maternidade. Na verdade, em seus últimos anos a artista se tornou alvo de deboches e piadas por errar letras de músicas em apresentações, dentre elas o hino nacional, no ano de 2009. Sofreu ainda com depressão e, segundo a família, teve um tipo de demência diagnosticada, vindo a falecer de insuficiência respiratória em novembro de 2020.

À época, a cantora já era uma mulher idosa, condição que também foi mencionada de maneira pejorativa em comentários sobre a referida apresentação de 2009. Para muitas mulheres, a idade também opera como fator de classificação e discriminação, sobretudo no espaço público. Nesse sentido, não houve, pela maior parte da mídia, uma tentativa digna de compreensão do que poderia ter causado o lapso de memória, mas um apressamento em julgar a cantora. Depois do episódio do hino, a artista voltou a ter problemas de memória em uma apresentação e a ser motivo de comentários que a ridicularizaram.

Qualquer compreensão do impacto do envelhecimento deve considerar que, para as mulheres, a condição de gênero as coloca em maior vulnerabilidade física e emocional, pois, “mesmo que a velhice não seja universalmente feminina, possui um forte componente de gênero” (PIMENTA; ALMEIDA; LIMA, 2011, p.21). Para uma Vanusa já envelhecida, seus últimos anos não foram marcados por reconhecimento e homenagens à sua trajetória artística, mas pela chacota em relação às suas condições de saúde, sendo uma mulher idosa. Sua trajetória de artista que propôs resistência à dominação masculina imposta sobre mulheres comuns foi esquecida, excluída do conjunto de artistas celebradas como defensoras dos direitos das mulheres. A exceção reside em algumas pesquisas acadêmicas e na série televisiva “Manhãs de setembro”, de 2021. De todo modo, para o grande público sua memória está mais ligada a “memes” e piadas feitas sobre momentos em que a artista demonstrou publicamente, no palco, uma fragilidade humana.

Canções-desabafo: Vanusa contra o silenciamento das mulheres

No Brasil, ao longo do século XX, a canção popular constituiu espaço discursivo no qual foram interpretadas emoções e valores sociais relacionados aos contextos históricos em que foram produzidas. Durante a ditadura militar a chamada “canção de protesto”, por exemplo, foi um importante meio de denúncias e registro da opressão e violência paulatinamente institucionalizadas desde o golpe de 1964. O período foi politicamente marcado pela repressão, perseguição política, censura, tortura e, também, pela afirmação de valores ligados a uma moral conservadora, especialmente no que se refere ao comportamento e aos arranjos familiares. Atualmente, as pesquisas que analisam as relações entre a História e a música já consideram a heterogeneidade da produção musical que de alguma maneira se constituiu como oposição aos interesses socialmente adotados pela ditadura; desse modo, pode-se alargar o conjunto de canções em que podem ser encontrados sentidos de protesto, mesmo que estes não consistam em críticas à política institucional.

O cenário musical de 1973 era heterogêneo; artistas da chamada MPB continuavam tentando driblar a censura e as vendas desse segmento eram consideráveis, mas menores do que as de gêneros como o forró e o brega, por exemplo. Secos e Molhados, Sérgio Sampaio, Fagner, Luiz Melodia e Raul Seixas se destacavam com produções musicais e performances ousadas para o momento de repressão; estes artistas agradaram especialmente ao público jovem e universitário da época. Foi nesta cena musical que, em 1973, Vanusa lançou a música “Manhãs de setembro”.

A letra traz, em primeira pessoa, um relato feminino de uma situação de solidão e tristeza. Os versos reivindicam em primeira pessoa a vivência desses sentimentos, bem como a necessidade da proteção emocional de si mesma. Não é explicitamente dito que essa condição narrada tem ligação com algum tipo de relação afetiva conjugal, mas há possibilidade de construção desse sentido. Pois, em acordo com Eni P. Orlandi, entendemos que a questão que se coloca na análise de um texto, inclusive de um discurso musicado, não é o que ele significa, mas como ele significa (ORLANDI, 1999, p.17), desse modo, é perfeitamente aceitável que a letra da canção fosse recebida como um discurso sobre um relacionamento amoroso.

Os primeiros versos da música são interpretados pela cantora por meio de um canto mais contido, que produz um efeito de tristeza e desabafo. A voz que canta narra, nesses primeiros momentos, um estado emocional passado, colocando o ouvinte em situação de cumplicidade. O quinto verso da canção, que começa com “eu fui esquecida” e, na sequência, traz destaque para as palavras “fui eu”, entoadas com força e precisão, deixando para trás o sentimento de tristeza e evocando indignação por meio do canto.⁴

Manhãs de setembro

(Compositores: Vanusa e Mário Campanha, 1973)

Fui eu que se fechou no muro e se guardou lá fora
Fui eu que num esforço se guardou na indiferença
Fui eu que numa tarde se fez tarde de tristezas
Fui eu que consegui ficar e ir embora
E fui esquecida, fui eu
Fui eu que em noite fria se sentia bem
E na solidão sem ter ninguém, fui eu
Fui eu que na primavera só não viu as flores
E o sol
Nas manhãs de setembro
Eu quero sair
Eu quero falar
Eu quero ensinar o vizinho a cantar
Eu quero sair
Eu quero falar
Eu quero ensinar o vizinho a cantar
Nas manhãs de setembro (2x)
Nas manhãs...
Fui eu que se fechou no muro e se guardou lá fora
Fui eu que num esforço se guardou na indiferença
Fui eu que numa tarde se fez tarde de tristezas
Fui eu que consegui ficar e ir embora
E fui esquecida, fui eu
Fui eu que em noite fria se sentia bem
E na solidão sem ter ninguém, fui eu
Fui eu que na primavera só não viu as flores

E o sol
Nas manhãs de setembro
Eu quero sair
Eu quero falar
Eu quero ensinar o vizinho a cantar
Eu quero sair
Eu quero falar
Eu quero ensinar o vizinho a cantar
Nas manhãs de setembro (2x)
Nas manhãs...
Eu quero sair
Eu quero falar
Eu quero ensinar o vizinho a cantar
Eu quero sair
Eu quero falar
Eu quero ensinar o vizinho a cantar
Nas manhãs de setembro (2x)
Nas manhãs...

A interpretação de uma obra, para além da linguagem e do conteúdo, mobiliza a subjetividade do indivíduo receptor e também um emaranhado de representações sociais historicamente construídas. Ainda em consonância com o pensamento de Orlandi, compreende-se que o movimento de sentidos para os discursos operam de maneira que: “De um lado, é na movência, na provisoriedade, que os sujeitos e os sentidos se estabelecem, de outro, eles se estabilizam, se cristalizam, permanecem” (ORLANDI, 1999, p.10). Assim, mesmo que guardando certa medida de correspondência com o real histórico, cada discurso pode produzir diferentes efeitos em diferentes leitores ou ouvintes. Os efeitos de sentido de “Manhãs de setembro” nos remetem a uma personagem narradora que revela um rompimento com um estado psicológico de isolamento e tristeza. As manhãs de setembro, mês em que começa a primavera, são cantadas como símbolo de renovação e esperança numa vida em que coisas simples do cotidiano passam a ser valorizadas como um “despertar” para a vida. Esse despertar cantado como tempo presente é, sobretudo, a afirmação de uma nova posição perante à vida, um “depois” em relação ao tempo de sofrimento, momento de consciência sobre si mesma, numa afirmação feminina de “um lugar de lucidez” (MEDEIROS, 2023, p.138).

Nos anos 70, em meio ao contexto de repressão, os movimentos feministas buscavam visibilidade para problemas importantes que impactavam a vida das mulheres brasileiras. Teve destaque entre as pautas levantadas por esses movimentos, o combate à violência doméstica. Nos idos dos anos 70 e 80, alguns casos de mulheres assassinadas por companheiros íntimos ganharam grande visibilidade nos veículos de comunicação. À época, a violência psicológica e o

abuso emocional sofrido por gerações de mulheres na dinâmica conjugal ainda eram frequentemente naturalizados, entendidos como situações comuns dos relacionamentos afetivos.

Esses crimes de gênero ainda não eram tipificados dessa maneira e diante de um cenário de naturalização da violência doméstica e desigualdade na dinâmica das relações afetivas; os movimentos feministas organizaram importantes campanhas que buscavam questionar noções muito rígidas sobre assuntos de interesse público e privado, e garantir que esse tema fosse reconhecido como problema social a ser debatido. Na tentativa de conscientização acerca do problema social em que consiste a violência contra as mulheres, os *slogans* “O pessoal é político” e “Quem ama não mata” tiveram destaque nas campanhas e manifestações das feministas. A ideia consistia em demonstrar como “as desigualdades sociais entre homens e mulheres eram fruto de relações de poder construídas ao longo da história e não determinadas biologicamente” (LAGE; NADER, 2016, p.298).

Assim, nos anos 70, mais especificamente depois de 1975, declarado pela ONU como Ano Internacional da Mulher, grupos de mulheres brasileiras se esforçaram na defesa dos direitos femininos, bem como no seu reconhecimento como questão social. Os movimentos feministas da época buscaram mostrar para a sociedade que questões como violência doméstica e maternidade também deveriam ser objeto de interesse da sociedade civil e deveriam, ainda, existir políticas públicas sobre estes temas. Essas mulheres marcaram uma presença significativa no mundo público, atuando em brechas abertas entre a rigidez das normas de gênero, em uma atuação política que incluiu emoções e sentimentos. Décadas se passariam até que o governo da primeira e única mulher presidenta da história do Brasil sancionasse uma lei para tipificar esse tipo de violência, a Lei do Feminicídio, de 2015. Desse modo, reconhecer as atuações destes movimentos em defesa de direitos femininos a serem vividos na vida privada, assim como as defesas de direitos e subjetividades femininas presentes nas palavras cantadas por Vanusa, significa espreitar sujeitos e contextos históricos, por lentes pouco utilizadas, evidenciando-se o que argumenta Marta Rovai: “percebendo como os desejos e as afetividades puderam transformar as supostas coadjuvantes em protagonistas da história” (ROVAI, 2013, p.56).

Em 1979, ano marcado pela alta inflação e também pela promulgação da Lei da Anistia, Vanusa lançou “Mudanças”, fazendo circular no meio audiovisual uma canção com a temática da subjetividade feminina. Essa canção trouxe novamente o tom de desabafo para tratar da necessidade de autoconhecimento e transformação. A metáfora de uma limpeza de gavetas e armários é utilizada para falar de sentimentos e emoções que precisam ser deixados. A primeira parte da canção é cantada em tom melancólico e lento, trazendo ao ouvinte a sensação de estar

acompanhando a narrativa de uma mulher triste que, revisitando passados, constata angustiada a necessidade de mudança. Na segunda parte, que, assim como a primeira, começa com o verso “eu vou mudar”, o tom de voz assume um aspecto que imprime uma marca de decisão e busca por independência, por liberdade. Também há uma menção à autoaceitação e ruptura com posturas de autocobrança. Há ainda a afirmação da submissão enquanto condição, mas de independência por opinião, ou seja, na letra há reconhecimento das condições de desigualdade e de submissão que fazem parte de discursos e da vida prática, mas também há a afirmação de um pensamento crítico sobre essa condição. O verso “porque sou mulher”, cantado duas vezes e seguido de afirmações de características negativas associadas ao feminino, são entoados de modo provocativo, rebelde.⁵

Mudanças

(Compositores: Sergio Antonio Sa De Albuquerque / Vanusa, 1979)

Hoje eu vou mudar
Vasculhar minhas gavetas
Jogar fora sentimentos
E ressentimentos tolos
Fazer limpeza no armário
Retirar traças e teias
E angústias da minha mente
Parar de sofrer
Por coisas tão pequeninas
Deixar de ser menina
Pra ser mulher
Hoje eu vou mudar
Por na balança a coragem
Me entregar no que acredito
Pra ser o que sou sem medo
Dançar e cantar por hábito
E não ter cantos escuros
Pra guardar os meus segredos
Parar de dizer
"Não tenho tempo pra vida
Que grita dentro de mim
Me libertar"
Hoje eu vou mudar
Sair de dentro de mim e não usar somente o coração
Parar de cobrar os fracassos
Soltar os laços
E prender as amarras da razão
Voar livre com todos os meus defeitos
Pra que eu possa libertar os meus direitos
E não cobrar dessa vida
Nem rumos e nem decisões
Hoje eu preciso e vou mudar
Dividir no tempo e somar no vento

Todas as coisas que um dia sonhei conquistar
Porque sou mulher como qualquer uma
Com dúvidas e soluções
Com erros e acertos
Amor e desamor
Suave como a gaivota
E ferina como a leoa
Tranquila e pacificadora mas ao mesmo tempo
Irreverente e revolucionária
Feliz e infeliz
Realista e sonhadora submissa por condição
Mas independente por opinião
Porque sou mulher com todas as incoerências
Que fazem de nós um forte sexo fraco
Eu preciso mudar
Eu preciso, eu preciso mudar (eu vou mudar).

No clipe da música, a cantora aparece nos espaços de uma casa, um ambiente doméstico, pelos quais ela transita, enquanto canta. Essa performance parece remeter o espectador a um sentido de uma mulher comum, que no ambiente doméstico reflete sobre mudanças que deseja fazer. Assim, ela utiliza o audiovisual para se comunicar, reforçando a mensagem e o vínculo com um público que se identifique com as referências domésticas que aparecem. Desse modo, essa performance aprofunda uma relação identitária com o público pretendido, pois, como argumenta Napolitano (2005, p. 85): “Portanto, a performance ou ato performático configura um processo social (e histórico) que é fundamental para a realização da obra musical, seja uma sinfonia erudita ou uma canção popular”.

Em “Ser Mulher”, de 1980, Vanusa aborda expectativas de gênero que ainda recaem sobre as mulheres, especialmente na dinâmica das relações familiares. Desde muito cedo, meninas são socializadas para acreditarem no amor romântico, no casamento e na maternidade, como realizações fundamentais na constituição do “ser mulher”. É comum que esse percurso, que não é natural ou desejado por todas as mulheres, seja repetidamente descrito com ares de sonho e fantasia. A música marca inclusive o momento de ruptura entre a fantasia do antes e a realidade do depois, o próprio casamento: “Um dia/ Nos dão um sorriso/ Um beijo, uma flor/ Lindos planos a dois/E como sonhar é preciso/Nos fazem poemas de amor/Mas depois...” Depois vem o marido e as cobranças sexuais de uma mulher sobrecarregada, que assume as tarefas domésticas tradicionalmente consideradas como femininas, os cuidados com os filhos que querem a atenção de uma mãe cansada e de quem esquecem de ver como sujeito constituído suas próprias subjetividades e sonhos.

A sonoridade também é utilizada na construção de sentidos; a primeira parte, caracterizada por ritmo lento e canto contido, muda a partir do verso “Esperam de nós tanta coisa”, quando a voz é colocada de maneira mais aberta, mais forte, conotando a indignação que as palavras indicam. No refrão as cobranças são criticadas, seguidas de afirmações da mulher como sujeito que sonha, que tem desejos e que assume demandas diversas nos arranjos familiares. A ironia também está presente, quando a canção fala na espera feminina de uma permissão masculina para que caia do céu a receita da vida perfeita.⁶

Ser mulher

(Compositores: Annamaria, Vanucci, Vanusa ,1981)

Um dia
Nos dão um sorriso
Um beijo, uma flor
Lindos planos a dois
E como sonhar é preciso
Nos fazem poemas de amor
Mas depois...
O marido
Nos cobra na cama
O amor mais perfeito
Da amante ideal
A casa arrumada,
a comida na mesa
O botão na camisa,
o chinelo e o jornal
Os filhos
Nos pedem mais tempo
Por mais atenção
Que se tenha e se dê
O circo, o sorvete,
os deveres da escola
E as cantigas de adormecer

Esperam de nós tanta coisa
Ninguém pode tudo o que quer
Será que percebem
Que temos desejos
Como outra pessoa qualquer
Esperam de nós tanta coisa
E a gente só faz esperar
Que os homens permitam
Que caia do céu a receita
Da vida perfeita
de sermos iguais

Ser mulher

É ser mãe, amante, amiga

Ser mulher

É saber virar a mesa
Ser mulher
É encarar de frente a vida
Ser mulher...

Em síntese, na música “Ser mulher” Vanusa repete a estratégia do uso de versos para exprimir confidências femininas, sobre as tensões e cobranças vividas pelas mulheres em seus papéis de esposas e mães. Assim, reforça o compromisso do seu repertório com palavras, queixas e lamentos que ficaram engasgados em gerações de mulheres, que mesmo conscientes da desigualdade de gêneros e das cobranças excessivas que sobre elas recaíam, tinham pouco ou nenhum espaço no mundo público para expressar como o impacto das expectativas de ser mulher e mãe numa sociedade patriarcal era sentido.

Como já mencionado, os anos 80 também foram marcados pela divulgação de crimes violentos contra mulheres e pelos movimentos feministas, articulando respostas a esse problema social. Em resposta à violência naturalizada pela sociedade, foram criadas ONGs e também houve tentativas de mobilização de instâncias governamentais na busca de aliados no combate à violência contra a mulher. A primeira delegacia especializada no atendimento à mulher foi criada em São Paulo em 1985; posteriormente, outros estados também implantaram esse tipo de delegacia, não sem resistência, inclusive dentro da polícia, pois muitos policiais acreditavam que não era dever da polícia interferir em questões conjugais, a não ser em casos de lesão corporal grave, como homicídio (LAGE; NADER, 2016).

Em 1981, o país vivia os últimos e decadentes anos de uma ditadura sanguinária no trato aos seus opositores políticos e conservadora quanto à visão em relação às instituições sociais e às práticas culturais. Neste mesmo ano, Doca Street, que havia assassinado Ângela Diniz em 1976, com quatro tiros, três no rosto e um na nuca, foi condenado a 15 anos de prisão em regime fechado; cumpriu 3, tendo sido beneficiado posteriormente com o regime condicional. O crime recebeu enorme atenção da imprensa e isso, inclusive, contribuiu para o julgamento moral da vítima, que foi descrita como uma mulher sedutora e perigosa. No mesmo ano de 1981, a cantora Eliana de Grammont foi morta pelo ex-marido, o também cantor Lindomar Castilho, com um tiro no peito, enquanto se apresentava num bar em São Paulo. O assassino, que inclusive tinha uma filha com a vítima, tentou justificar o crime pelo argumento da “legítima defesa da honra”, afirmando que Eliana estava em um relacionamento com seu primo; houve muitas manifestações dos movimentos feministas criticando a alegação. Lindomar foi condenado a 12 anos de prisão, mas foi beneficiado em 1988 com liberdade condicional.

Também em 1981, a cantora Vanusa lançou “S.O.S. Mulher”⁷, a música de ritmo acelerado traz um discurso direto às mulheres em situação de violência doméstica. Os versos da canção vão trazendo uma série de contraposições de atitudes do parceiro íntimo, divididas entre o afeto e a violência. Seguindo a essa narrativa sobre a violência, que situa o corpo feminino e o corpo masculino num antagonismo de vítima e algoz, a canção incentiva uma ruptura com a aceitação dessa situação, inferindo, inclusive, a cumplicidade existente no silêncio da mulher que sofre, ampliando as possibilidades de análise com as contribuições de Eni Orlandi, apesar de o silêncio não falar: “O silêncio é. Ele significa” (ORLANDI, 2007, p.31).

S.O.S. Mulher
(Vanusa, 1981)

A mão que te acaricia
É a mesma que esbofeteia
E a boca que te beija
É a mesma que injúria

O braço forte que lhe ampara
É o mesmo que te bate na cara!
O braço forte que lhe ampara
É o mesmo que te bate na cara!

E lá vai você por essa estrada
Se arrastando sem fazer nada
Teu silêncio é cúmplice da violência

Levanta o topete
Reergue essa força!
Nem que você se torça
Limpa a cara, sai pra outra
Não seja filha da luta!

A mão que te acaricia
É a mesma que esbofeteia
E a boca que te beija
É a mesma que injúria

O braço forte que lhe ampara
É o mesmo que te bate na cara!
S. O. S Mulher! (Mulher!) Óh! Mulher!
S. O. S Mulher! (Mulher!) Óh! Mulher!
S. O. S Mulher! (Mulher!) Óh! Mulher!

Acorda pra vida e pede socorro
Nada vale esse jogo
No sufoco, vale tudo!
Áh! Bota a boca no mundo!

S. O. S Mulher! (Mulher!) Óh! Mulher!
S. O. S Mulher! (Mulher!) Óh! Mulher!
S. O. S Mulher! (Mulher!) Óh! Mulher!

S. O. S Mulher! (Mulher!) Óh! Mulher!
S. O. S Mulher! (Mulher!) Óh! Mulher!
S. O. S Mulher! (Mulher!) Óh! Mulher!
S. O. S Mulher! (Mulher!) Óh! Mulher!
S. O. S Mulher! (Mulher!) Óh! Mulher!

Atualmente, são comuns no cenário musical canções de diversos gêneros abordando o tema da desigualdade entre homens e mulheres e a da violência contra a mulher; em 1981, no entanto, Vanusa foi uma das precursoras dessa militância realizada por meio de notas e versos. A canção S.O.S. Mulher, da qual a cantora não é apenas intérprete, mas também compositora, denuncia um problema social e estimula uma reação a essa opressão. Mas na letra o percurso narrativo deixa claro que essa reação depende da tomada de consciência acerca da situação de abuso – “Acorda pra vida e pede socorro” – há um incentivo à revolta, pois o empoderar-se pode ser uma experiência relacionada a essa emoção, como argumenta Medeiros (2023), tratando de outro cenário musical, mas também relacionado à insubmissão feminina.

Reconhecer que se está em uma relação abusiva pode não ser uma ação imediata, pois muitas mulheres não têm uma percepção clara sobre a violência que sofrem, especialmente da violência emocional, já que estas práticas são naturalizadas por diversos discursos e instituições. Além disso, o ciclo da violência doméstica possui momentos de trégua; na chamada “fase da lua de mel”, por exemplo, ocorrem afirmações de arrependimento e promessas de mudanças; também é comum a manipulação da vítima por meio da sua culpabilização, quando o agressor utiliza, assim, a vulnerabilidade emocional da mulher para convencê-la de que seu comportamento e suas ações que motivam a violência por ele cometida⁸. Desta maneira, a própria identificação da situação de violência pode ser um desafio. “S.O.S Mulher” coloca em pauta a identificação desse ciclo e a importância de sua interrupção; a letra rompe ainda com uma representação comum nas canções populares, como argumentou Tania N. Swain, a da mulher sofredora, que vive pelo marido; nas palavras da autora:

A que sofre em silêncio, que “foi feita para morrer de amor”, como dizem as músicas, os ditados, guiadas pela intuição, pelo coração, com a sensibilidade à flor da pele, vivendo em função de seu homem, que lhe dá filhos e lhe assegura a passagem de um estado incerto, para um status seguro de “verdadeira mulher” (SWAIN, 2008, p.38).

A música incentivou o empoderamento feminino dentro da dinâmica da relação conjugal, décadas antes desses discursos tornarem-se comuns. Apesar da construção do empoderamento ser individual, geralmente a partir do desenvolvimento da consciência, ela pode se relacionar e contribuir para mudanças de condições estruturais. De acordo com Berth, “a movimentação de indivíduos rumo ao empoderamento é bem-vinda, desde que não se desconecte de sua razão coletiva de ser” (BERTH, 2018, p.43). Assim, ainda que o incentivo ao rompimento seja direcionado a situações individuais de violência, transformações realizadas por mulheres em suas próprias vidas contribuem para o questionamento e a negação de estruturas e representações de subordinação e silenciamento presentes em toda a sociedade.

Nas últimas décadas houve inegáveis avanços no que se refere aos direitos das mulheres e ao reconhecimento da violência contra a mulher como problema social a ser debatido e combatido por todos os setores da sociedade. A criação de campanhas contra a violência doméstica, a implantação de DEAMs, a Lei Maria da Penha e a Lei do Feminicídio são algumas conquistas importantes que foram efetivadas como desdobramentos de lutas de movimentos de mulheres enfrentando setores conservadores que, com frequência, se posicionaram contra essas políticas. Apesar de significativas conquistas, no Brasil ainda há enorme desigualdade entre homens e mulheres nas vivências dos espaços público e privado e a violência contra meninas e mulheres têm níveis alarmantes. As mulheres brasileiras vivem em uma sociedade que ainda julga seus comportamentos, desejos, ambições, busca controlar seus corpos e ainda reproduz um imaginário que advoga um lugar social de docilidade e submissão para meninas e mulheres. É evidente que, socializadas por tais valores, ainda impregnados em diversas instituições sociais, muitas mulheres ainda acreditam que o destino feminino seja, naturalmente, a aceitação de uma condição de inferioridade, inclusive nas relações conjugais e nos arranjos familiares.

Em pesquisa nacional realizada em 2023, o Instituto de Pesquisa DataSenado mostrou que 46% das brasileiras acreditam que em geral as mulheres não são tratadas com respeito no Brasil, e que outras 46% acreditam que as mulheres são tratadas com respeito apenas às vezes. Para 7%, as mulheres são, sim, tratadas com respeito no país (DATASENADO, 2023). Os dados do último Anuário Brasileiro de Segurança Pública, publicado em 2023, apontam que o Brasil registrou no ano anterior 245.713 casos de agressões por violência doméstica, 613.529 ameaças, 74.930 estupros e 3.924 feminicídios; 7 em cada 10 mulheres foram mortas dentro de casa e 53,6% dos crimes foram cometidos pelo parceiro íntimo. Os índices revelam a gravidade da situação, mas a realidade é ainda pior, já que existe grande subnotificação.

Também em 1981, Vanusa lançou uma versão do clássico da *Disco music*, “*I will survive*” de Gloria Gaynor (1978). A música defende, por meio de letra, ritmo e canto, a adoção de uma postura de coragem e segurança diante de uma vida renovada pelo fim de um relacionamento. “Eu sobrevivo” segue a linha da mulher que se abre, que expõe sentimentos, mágoas e decepções amorosas, mas que se recusa a permanecer numa relação onde não se sente valorizada e afirma uma mudança, pois, agora não vive mais em função de um parceiro de relacionamento, mas encontra sentido na vida por si mesma. O ritmo dançante, juntamente com a letra cheia de empoderamentos, propicia a produção de sentidos de libertação, felicidade e rebeldia. Há uma rejeição da submissão anteriormente vivida por uma mulher que esperava, que aceitava e que sempre perdoava. Ao narrar essa mudança na personagem narradora, a canção oferece uma reflexão sobre amor próprio, rompendo com a conhecida representação do “morrer pela falta de um amor”; ao contrário, a sobrevivência é afirmada por meio de um canto que conota a força de uma postura de resistência.⁹

Eu sobrevivo

(Compositores: Frederick J. Perren / Dino Fekaris / Carlos De Carvalho Colla, 1981)

Logo no começo

Eu me apavorei

Quando você me disse adeus eu não acreditei

Passei noites sem dormir naufragada em tanta dor

Mas consegui e hoje me orgulho do que eu sou

E vem você

Me procurar

Achando que era só pedir e eu ia logo te abraçar

Pois eu devia ter mudado de telefone e de lugar

Se eu soubesse aquele dia que você ia voltar

Agora sai

Pois eu mudei

Você não é mais

Alguém que eu tanto admirei

Você pensou que era meu Sol, meu paraíso

E achou que eu ia

Me humilhar por seu sorriso

Não, não eu

Eu não preciso

Pois aprendi que sem você, sem seu amor eu sobrevivo

Tenho sonhos pra sonhar

Tenho tanto amor pra dá

Eu sobrevivo, eu sobrevivo, Hey, hey

Foi difícil não ceder
Não cair no chão
Juntar de novo os pedaços do meu coração
E tantas noites eu passei sentindo tanta dó de mim
Mas acabou e minha dor chegou ao fim
Olhe pra mim
Vê que eu mudei?
Porque não sou mais quem eu era quando eu te encontrei
Você pensou que ia estar sempre esperando por você
Mas hoje guardo meu amor pra quem de fato merecer

Agora sai
Pois eu mudei
Você não é mais
Alguém que eu tanto admirei
Você pensou que era meu Sol, meu paraíso
E achou que eu ia
Me humilhar por seu sorriso
Não, não eu
Eu não preciso
Pois aprendi que sem você, sem seu amor eu sobrevivo
Tenho sonhos pra sonhar
Tenho tanto amor pra dá
Eu sobrevivo, eu sobrevivo, Hey, hey

Foi difícil não ceder
Não cair no chão
Juntar de novo os pedaços do meu coração
E tantas noites eu passei sentindo tanta dó de mim
Mas acabou e minha dor chegou ao fim
Olhe pra mim
Vê que eu mudei?
Porque não sou mais quem eu era quando eu te encontrei
Você pensou que ia estar sempre esperando por você
Mas hoje guardo meu amor pra quem de fato merecer

Agora sai
Pois eu mudei
Você não é mais
Alguém que eu tanto admirei
Você pensou que era meu Sol, meu paraíso.
E achou que eu ia
Me humilhar por seu sorriso
Não, não eu.
Eu não preciso

Pois aprendi que sem você, sem seu amor eu sobrevivo.
Tenho sonhos pra sonhar
Tenho tanto amor pra dá
Eu sobrevivo, eu sobrevivo, Hey, hey

Considerações Finais

As canções analisadas nos permitiram entender que por meio de sua obra Vanusa ajudou a interpretar valores, emoções, desilusões e desejos femininos das mulheres brasileiras das décadas de 70 e 80; muitas de suas canções de sucesso foram relatos de desabafos sobre questões femininas, mas também incentivos a rupturas com padrões de abuso físico e emocional e, principalmente, afirmação da possibilidade de existir e ser feliz, constituindo sentidos próprios e ligados à vida cotidiana. A obra da artista, além de discutir a violência, colocou em pauta subjetividades características das mulheres daquele tempo.

Como buscamos demonstrar neste texto, a obra da cantora e compositora Vanusa abordou temas sensíveis para as mulheres brasileiras nas décadas de 70 e 80, anos em que os debates sobre a violência contra as mulheres, os direitos reprodutivos e os desafios da maternidade conciliada com o trabalho ganharam maior destaque. Vanusa colocou em versos emoções sobre um tipo de tomada de consciência, um incentivo a um “despertar feminino”, repleto de desafios, mas também de possibilidades de renovação do próprio ser. As canções analisadas evidenciam que Vanusa criou, dentro de seu repertório, uma espécie de diário público e coletivo que, repleto de desabafos, representou mulheres sobrecarregadas pelas obrigações impostas pelos papéis tradicionais de gênero e também mulheres vítimas de violências. Nesse sentido, ela produziu discursos politizados, utilizando sua visibilidade, agiu no espaço público, somando uma voz importante nos debates e lutas pelos direitos das mulheres.

Também consideramos que, diante de um atual cenário de violência física e emocional praticada contra mulheres, as músicas da cantora Vanusa ainda possuem vínculos com o contexto contemporâneo, no qual a sobrecarga de trabalho, as cobranças desiguais e a violência ainda operam como fatores estruturantes das relações conjugais e das organizações familiares. Apesar do pioneirismo de um repertório repleto de denúncias sobre a violência contra a mulher e o incentivo ao rompimento dos silêncios e das submissões, a cantora não teve, ao final da vida, grande reconhecimento público por essa contribuição; ao contrário, sua carreira de sucessos e letras de conscientização sobre a dignidade feminina foram muito menos lembradas que o instante de esquecimento da letra do hino nacional. O esquecimento também tem sido constante

no que se refere à atuação de mulheres pela transformação social, em tantos campos da vida pública, incluindo a arte.

Referências:

- BERTH, Joice. **O que é empoderamento**. Belo Horizonte: Letramento, Justificando, 2018.
- BUCH, Esteban. A escuta musical. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jacques; VIGARELLO, Georges. **História das emoções**: 3. Do final do século XIX até hoje. Petrópolis: Vozes, 2020.
- MEDEIROS, Kenia E. Gusmão. “E todo esse caminho eu sei de cor”: um olhar histórico sobre emoções e empoderamentos presentes no repertório de Marília Mendonça. **História Revista**, Goiânia, v. 27, n. 3, p. 132–153, 2023.
- NAPOLITANO, Marcos. **História e Música**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- PIMENTA, Nacif Denise; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; LIMA, Livia Morais Garcia (Orgs.). **Impermanências**: história oral, mulheres e envelhecimento na pandemia: volume 1. São Paulo: Letra e Voz, 2021.
- ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.
- ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- SWAIN, Tania Navarro. A invenção do corpo feminino ou “a hora e a vez do nomadismo identitário?”. **Revista Textos de História**, vol.8, nº1, 2008.
- ZANELLO, Valeska; FIUZA, Gabriela; COSTA, Humberto Soares. Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico. **Revista de Psicologia**, v. 27, n. 3, p. 238-246, set.-dez. 2015.
- WALKER, Lenore. **The battered woman**. New York: Harper and How, 1979.
- WISNIK, José Miguel. **Sem receita**. São Paulo: Publifolha, 2004.

Internet:

- https://www.senado.leg.br/institucional/datasenado/relatorio_online/pesquisa_violencia_domestica/2024/interativo.html. Acesso em março de 2024.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: março de 2024.

Notas:

¹ Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG). E-mail: kenia.medeiros@ifg.edu.br / Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1364-9517>

² Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professor de Estágio Supervisionado e Didática da História na Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH-UFG) e do PROF-História (UFG). E-mail: cristianonicolini@ufg.br / Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2033-2910>.

³ A pesquisadora da área de saúde mental e gênero, utiliza o conceito em vários de seus trabalhos publicados em mídias impressas e digitais, dentre eles, no livro: “Dispositivo Amoroso: um guia de autoconhecimento e sobrevivência para mulheres”.

⁴ https://open.spotify.com/intl-pt/track/4dIm9KBI9U9LC1FySdgJJc?flow_ctx=18719be5-2301-4775-b97a-9fa06cc05b92%3A1745269058#login

⁵ <https://open.spotify.com/search/Mudan%C3%A7as>

⁶ <https://open.spotify.com/search/Ser%20mulher%20vanusa>

⁷ <https://open.spotify.com/search/S.O.S.%20Mulher%20vanusa>

⁸ Cf. WALKER, 1979.

⁹ <https://open.spotify.com/search/Eu%20sobrevivo%20vanusa>